

Caixinha normativa

Samanta Pierozan

04

— Bom dia, turma! Vamos pegando o livro didático, na página... nosso foco será a ortografia das palavras.

TURMA DOMINADA! Assim foram algumas das aulas de meu estágio em ensino de Língua Portuguesa, numa turma de oitavo ano, quando o assunto abordado se fundamentava em regras gramaticais — um sonho para o professor. Sonho, até pareceu ser, num primeiro momento.

Tudo aparenta estar indo bem quando se tem propriedade do conteúdo, um plano de aula bem elaborado — que preencha o tempo em classe —, uma proposta de exercícios a passar para a turma e outra para orientar no que for preciso... fazer a correção. Se as atividades propostas já se encontram no livro didático, melhor ainda. TUDO DOMINADO! Fui um pouco além e propus tarefas que fugissem ao padrão de exercícios prontos; aqueles do tipo com gabarito e que não geram problemas para o professor ou para o aluno. É PRECISO PENSAR SOBRE A LÍNGUA, pois ela é mais que um instrumento de comunicação, é um instrumento de raciocínio, que permite reflexões complexas sobre o Eu, na sua individualidade e coletividade. Sem reflexão, compromete-se a comunicação.

Vencido um plano, veio outro. O conteúdo? Vozes verbais. Primeiramente, segui o padrão — aula expositiva seguida de exemplificação e exercícios de fixação. Os alunos adoraram o assunto e era visível o prazer que sentiam ao escrever VA (voz ativa), VP (voz passiva), VPA (voz passiva analítica), VPS (voz passiva sintética) ou VR (voz reflexiva) ao final de cada frase lida. Ok! Também fizeram algumas atividades de transpor a voz ativa para a voz passiva e vice-versa. Fui um pouquinho além: lembro-me de ter dito que nem sempre o agente da passiva é expresso na frase, que a presença ou omissão desse agente modula uma informação dada ao leitor, como num texto jornalístico, por exemplo. OLHOS ARREGALADOS seguidos de DESVIO DE OLHARES — senti uma pulga atrás da orelha. Então apresentei a chamada de alguns textos jornalísticos e projetei na lousa textos atuais, garantindo que todos pudessem ver, ler e perceber. Indiquei e justifiquei que o uso das vozes verbais e a presença ou não do agente da passiva determinam aspectos diferentes da informação apresentada. Até aí tudo certo, todos me ouviam em silêncio, poucos manifestaram suas dúvidas. Na sequência, orientei que realizassem uma tarefa: individualmente, os alunos deveriam pesquisar na Internet (bastava acessar o *Google Notícias*) diferentes textos jornalísticos que abordassem o mesmo assunto.

— QUEEEEEÊ? — os alunos disseram, alvoroçados.

— Consegui tirá-los da caixinha normativa — pensei.

Percebi que tirei meus alunos da zona de conforto, que deveriam sair do sistema de categorização e ir para o processo de reflexão, o qual é possível quando se olha a língua efetivamente em uso. Os estudantes não receberam textos prontos, eles exploraram o que estávamos estudando num contexto jornalístico-midiático real, além de perceberem as ferramentas de busca da Internet como meios educativos. Este é o meu papel como professora: utilizar o espaço escolar para convocar os alunos ao processo de formação crítica numa abordagem dialógica. Já dizia Bakhtin

(2000, p. 294), em *Estética da Criação Verbal*: “o enunciado não é uma unidade convencional”; as fronteiras dos enunciados constituem-se pelas esferas da existência e atividade humana, as diferentes atribuições da língua exigem muito além de normas linguísticas e estruturais, elas requerem intenção que gere efeitos por meio de atos de locução.

A tarefa foi difícil para os meus pupilos, mas ao apresentarem suas reflexões acerca do modo como determinados assuntos estavam sendo abordados nos textos jornalísticos encontrados, OLHARES VÍVIDOS E CONFIANTES surgiram e, junto, a consciência de que não se pode desviar o olhar da língua, a de quem escreve e lê, fala e ouve.

A língua precisa de sua sistematização, de suas regras sintáticas e ortográficas, mas o seu sentido se configura quando ela se finda à reflexão – à cognição e cultura de seu usuário. Meus alunos do oitavo ano conseguiram entender isso e, em nome deles, em nome de cada estudante, futuro de nossa nação, convido: SAIA DA CAIXINHA NORMATIVA. Não se deixe dominar por ela! É preciso superar a regularidade sistemática e autômata da gramática.

Referência

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: —. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.